

PROCESSO ARANTES

Depois de duas viagens pela mata para cortar as seringueiras e recolher o leite, o caboclo precisa defumar a borracha. Tem para isso uma choça escura e baixa, de palha, seu tapiri, onde fez um fogão de barro. Queimando cavacos de massaranduba e coquilhos de urucuri, com algumas folhas verdes de seringueira ele obtém uma fumaça que sai por um cone de barro — o boião. Vai derramando o leite e este se coagula. Girando lentamente o pau que serve de eixo à sua bola de borracha, ele faz um trabalho penoso, recebendo na cara aquela fumaça escura e um serviço lento e insalubre; a fumaça faz mal principalmente aos olhos.

Foi um filho do Amazonas, Francisco Arantes, já falecido, que imaginou um meio de livrar o seringueiro dessa parte tão ingrata de sua faina. Com material idêntico àquele que o caboclo sábiamente escolheu na mata ele obtém a mesma fumaça; distilando-a em um alambique ele transforma seus principais ativos em um líquido, a que deu o nome de "seiva amazônica". Uma solução desse líquido, faz coagular o "latex" muito mais rapidamente do que a fumaça o consegue.

As vantagens do processo saltam aos olhos. Defesa da saúde (principalmente da vista) do seringueiro: de seu bolso, porque passando a dispor de muito mais tempo ele poderá plantar mais mantimentos; eliminação das impurezas que a defumação rotineira incorpora ao latex, o que resulta em maior valor do produto. Assim desaparecem também as "quebras", motivo constante de dissídios entre o seringueiro e o seringalista, entre este e o "aviador" e assim por diante.

O agrônomo Francisco Custódio Freire, acreano, conseguiu, depois de muitas experiências e trabalhos, aperfeiçoar o processo Arantes no Núcleo Central da Borracha, em Rio Branco. Além do laminado (que é o ideal, pois passa diretamente do seringueiro para a indústria) ele nos apresenta a Fina Acre em pranchas, com boas qualidades físico-mecânicas e a metade da umidade das bolas. O transporte dessas pranchas é muito mais fácil que o das bolas, pois ocupa menos espaço. Além disso podem ser levadas em avião, ao passo que as bolas, a uma altitude superior a 1.500 metros, esguicham, pelo furo central, um líquido fétido. Ainda um novo tipo foi criado no Núcleo, mas não quero cansar demais o leitor.

Se o laminado requer certos cuidados (exige, por exemplo, a secagem à sombra, enfardamento e transporte em porões enxutos) as pranchas são de preparo fácil. Um seringalista me disse que o caboclo prefere o processo tradicional porque teria dificuldade em aprender o novo. Vi, entretanto, a formação de pranchas pelo processo Arantes: é infinitamente mais fácil e muito menos trabalhoso que o sistema rotineiro.

Além da pura força da rotina muitos interesses se opõem à aceitação generalizada do processo Arantes: são os interesses criados pelo sistema atual. Ele representa, entretanto, uma tal vantagem para o seringueiro, que o governo do Acre faz bem em se empenhar em uma campanha para sua difusão. A "seiva amazônica" pode ser facilmente destilada nas próprias sedes dos seringais, em alambiques rústicos.

Já dissemos: a solução ideal para o problema da produção da borracha é a plantação, associada ao fabrico do laminado Arantes. Nas condições atuais acreditamos, entretanto, o processo de pranchas é capaz de elevar o nível de vida do seringueiro, defender sua saúde, aumentar e melhorar sua produção. Traz ainda economias nas despesas de classificação, economia (devido à sua forma geométrica) no transporte e economia de 50 por cento das despesas da crepagem.

Tudo isso significa muito: nestes últimos cinco anos a indústria nacional de artefatos de borracha mais do que duplicou. O valor de sua produção em 1950 foi superior a 2 bilhões e 200 milhões de cruzeiros. Já importamos borracha, assim como já exportamos artefatos de borracha. Está claro que o desenvolvimento da indústria só pode ter base sadia no "latex" nacional. O invento de Arantes e os trabalhos posteriores de Francisco Freire, no Acre, podem significar muito para nós. Os interesses contrários, cuja força é sensível, devem ser vencidos para que a atual organização do comércio da borracha não se torne um impedimento ao desenvolvimento e melhoria de sua produção. Toda essa organização repousa nos ombros cansados do seringueiro — esses ombros absurdos, que suportam dezenas de quilos da carga do jamachim, com a força de uma incrível besta de carga. Se os seringueiros são classificados, de acordo com sua experiência, em "bravos" e "mansos", é porque ele é mesmo um bicho, estranho bicho impaludado e comido de vermes, de olhos inchados, solitário e mal alimentado e entretanto capaz de fazer um trabalho monstruoso. Aproximar a vida desse bicho da idéia que fazemos da vida de um homem é tarefa urgente e necessária.

21/8/51 R. B.